

Mesa REDONDA

com CRIADORES – – Ana Luísa Amaral, valter hugo mãe e José Emílio-Nelson

Luís Mourão – Seja claro que isto é para terminar sem terminar... Esta mesa é dita de criadores. Deve haver alguma razão perversa em não terem estado na Faculdade, e estarem aqui. Supondo que os criadores não estiveram lá – uns não estiveram, uma esteve – queria já dizer-vos que não chegámos a conclusão nenhuma, como sempre, mas aprofundámos muito, aprofundámos muito. E como no fundo a gente começa sempre por vocês, depois vocês também nos roubam algumas coisas, supondo que há assim “vocês” e “nós”, vamos então terminar sem terminar.

>>

Temos três criadores, Ana Luísa Amaral, valter hugo mãe, José Emílio-Nelson. E eu iria aproveitar o facto de – não sei se foi deliberado, se não – o facto de termos (ainda que o conceito de geração seja um bocado complicado, mas pronto, vamos tornar a coisa simples e dizer que temos) três pessoas de três gerações diferentes. E eu ia lançar a primeira pergunta, de resposta breve, e depois falam. E a minha pergunta parte desta ideia: penso que, quando se cria, quando se trabalha, nos confrontamos não só com questões que estão lá, como com conceitos, com textos... E eu gostava de saber – é uma forma de *voyeurismo* intelectual (*risos da assistência*) – gostava de saber, dentro da oficina, não é?, em termos pessoais, se na vossa criação alguma vez se confrontaram com esta questão das perversões, quer naquele sentido em que ... “se calhar estou a fazer uma coisa perversa”, “se calhar isto é perverso”, “se

calhar alguém vai achar que isto é perverso”, “se calhar eu quero mesmo fazer uma coisa perversa para...”, e depois não funcionou, ou funcionou... E acho que, como são três gerações ligeiramente diferentes, se calhar o que era perverso, os limites, as fronteiras foram sentidos de modo diferente por cada um de vocês. E pronto, essa era a minha pergunta de partida... Atrever-me-ia a dizer, para começarmos assim pelo mais recuado para o mais actual, para o mais contemporâneo, começarmos pelo José Emílio-Nelson, depois a Ana Luísa, depois o valter hugo mãe...

286>287

José Emílio-Nelson – Eu realmente preparei-me, quando fui convidado para participar num Colóquio sobre a perversão. Sendo pela Faculdade – fiquei um pouco admirado, porque: até que ponto vou corresponder a toda essa catalogação que tem sido feita, penso, pela Academia, de todas as rupturas que existem através da História, sempre muito bem estudadas, dissecadas, assimiladas, mas como é que eu vou corresponder? Então fiz um jogo comigo, também fui um bocadinho perverso, foi preparar uma comunicação como se a fosse lá ler. É evidente que eu vou-vos poupar isso, porque estar aqui num bar a ler uma comunicação como se estivesse na Faculdade assumia um aspecto não só perverso, mas perverso no sentido até da chatice. Para responder à pergunta da perversão: publiquei, desde 79, mas tinha vindo a publicar muito antes nos jornais e em publicações de policopiador, e aliás assinaladas logo pelo Joaquim Manuel Magalhães em 74, a seguir ao 25 de Abril, logo no mês a seguir ele chama a atenção para textos meus numa publicação colectiva em que fala da “acidez da linguagem do José Emílio-Nelson”, etc... Isto para dizer, portanto, que a perversão, ou a ideia que para mim é *pré*-versão àquilo que eu faço, no sentido em que perversão é uma ruptura, é um verso do que realmente eu via fazer – aliás optei por não ir para a Faculdade de Letras porque me convenci que lá só havia padres como professores, e portanto acabei por ir para Econo-

mia – e realmente tive sempre esse conceito de que a perversão para mim era mais do que perversão, talvez se colasse a um termo – obscenidade, ou obsceno, *obsceno* no sentido da palavra latina daquilo que não se quer que apareça em cena, e esse sentido, que dá um capítulo da *Bibliotheca Scatologica*, que precisamente se chama “Obsceno”, esse sentido foi muito bem assinalado, num encontro em Matosinhos, pelo Professor Pedro Eiras, o Pedro Eiras, para mim. E penso que para mim é natural, é natural o quê?, essa sacralização de tudo o que é des-sacralizado, portanto aquilo que é desvalorizado. Eu tenho uma propensão para valorizar isso, no sentido em que toda a escrita é uma porcaria, no sentido de Artaud, não é?, no sentido em que é algo que nós fisiologicamente fazemos. Não há alma que escreva, é a mão que escreve, é o corpo que escreve, é o pensamento, e tudo isso ligado, e para não estar aqui a complicar, associações que não são as minhas, eu queria dizer que esteve sempre presente, essa ideia de mostrar o que é vulgarmente ocultado como algo de natural, algo que faz parte do homem como a respiração. Portanto não tenho obstáculos de autocensura, e mesmo os meus textos, que publiquei em *Penis*, *Penis*, por exemplo, em 1980: o *Penis*, *Penis* foi quase todo publicado antes do 25 de Abril, em edições de policopiadora. É isso que me tem feito de certa maneira estar um bocadinho à margem de alguma ribalta, porque é evidente que as pessoas acham piada a certo número de temas, etc., mas isso é limitador duma aceitação, porque não faz parte do cânone, não é?. Eu tenho experiências muito curiosas sobre isso que... Nestes encontros eu privilegiei, mais que estar a teorizar ou a falar sobre as minhas coisas, eu acho que devem ser aproveitados, digamos assim, para – o modo como as pessoas escrevem, quais são as dúvidas... Aproveito estes momentos muitas vezes para as pessoas me ajudarem a escrever, no sentido em que o que escrevo é um processo permanente, é uma obsessão permanente. Aliás, ao que eu estou agora a escrever (e estou a impor o limite a mim mesmo de parar, porque eu publiquei

>>

ultimamente muitas coisas e acho que não há necessidade de estar sempre a acrescentar, pelo menos ao público, quer dizer, ter esta pretensão de aparecer no palco) agora dou o título, que se pode encontrar em qualquer livro de ensaios, de *Antropologia das Obsessões*, quer dizer, o que é que eu pretendo com isto? Pretendo fazer uma reflexão sobre aquilo que de mais visceral tenho escrito ultimamente, ou pelo menos desde sempre esteve presente, embora eu me considere profundamente religioso no sentido em que Deus escreve no meu aparo, e portanto, sendo ateu, eu digo que sou profundamente religioso, na medida em que continuo uma resposta ao deslumbramento e à fantasia inventiva que acho que faz parte do homem, e portanto – isto levava-me a muito desenvolvimento e até se calhar a uma chatice... Por exemplo, tenho aqui um poema que eu fiz ultimamente, e estou à rasca para terminá-lo (*risos da assistência*). Mas o diabo do poema começa e eu por exemplo ocorreu-me isto e não gosto muito do final disto. Mas dizia assim o poema, para começar a rotação realmente:

[*A morte lenta*]

A morte lenta
 Entra-me pelo ânus.
 E o vinho amargo
 Num clarão
 Empalhado
 E excrementoso.
 Não é à toa.
 Abre-se avidamente
 Ao mártir flechado,
 À mancha negra dos
 Nenúfares,
 E ao que não se confessa.

Depois, do resto do poema não gosto muito... e eu estou a terminar esse poema; ora, eu vim aqui à perversão precisamente para ver se chegava a uma conclusão para isto. Há outros poe-

mas que, nesta *Antropologia das Obsessões*, que eu... mas de qualquer maneira vocês também desculpam isto – que é um poema que eu li na Fundação – fui convidado para ir à Fundação Eugénio de Andrade e quis fazer um poema que não ficasse muito mal lá naquele túmulo de narcisismo lá dos letrados (*risos da assistência*):

[*A cor dos olhos é sem ruído.*]

A cor dos olhos é sem ruído.

Violáceo.

A cana do nariz lembra os pássaros. < A curva do nariz toca-o. >

E todo o dorso é músculo

Entraçado pelos dedos.

Ejacula.

As nádegas cedem à volúpia

E estremecem.

(Que rins de prata!

Amor, amor.)

Anónimo, possuído, gracioso.

Encanta nas dunas

O homem cativo

Que ao lembrá-lo se ignora.

>>

Pronto, é um poemazinho que eu penso que homenageia os Kavafis... Outro poema, numa linha por exemplo que estou também aqui a ver: eu tenho uma paixão por Cristo, tenho um poema que é “O grande masturbador”, e realmente tenho uma paixão por Cristo grande. E então digo assim:

[*Seduzido entrega-se-me*]

Seduzido entrega-se-me.

Lustral,

Arrastado,

Misericordioso.

Tal como é.

Cabeça coroada,

Acossando-me.
Lavei-o, aspergi-o de
Urina expelida.
Traí minha alma.
E vazei os olhos
Para cantá-lo
Quando voltar a mim,
O seu círio.

Isto está muito mal dito, que eu nunca tinha lido. E não queria estar aqui a falar-vos muito mais disto, destas obsessões, mas não sei se poderei ler mais um ou outro...

290>291

[Como escurece a silva]

Como escurece a silva
Escurecem
Os testículos dum silvado.
A amora,
A glande.
Não fora como sou
Nunca voltaria onde enlaçam
Em nós a minúscula
Folhagem dos dedos
Colhida cedo.
O que se busca aí não há.
O enxuto e descarnado coração
Cobre-se de receio amaciado
Entre espinhos.

Depois há o fetiche, uma obsessão, o fetiche dos sapatos e da, enfim, das pernas das senhoras, com os sapatos, e tal... eu tentei fazer aqui o mais imaginado, o mais louco dos sapatos... Estás-te a rir?

valter hugo mãe (*rindo*) – Não, acho que...

José Emílio-Nelson – Agora eu leio isto com aquele esgar de...

[*Sapato aplastado*]

Corre roxo,
Pestaneja,
Enrodilha-se a espernear,
Na retina,
Antes da mancha
Da ejaculação.
A pele do nariz
Estala, sobe ao
Verniz sufocado.
Mais as púrpuras
E as espumas violetas.
E o sapato
Sem ter de correr.

>>

Depois, tenho outro, também uma sexualização das coisas,
sobre uma maçaneta duma porta:

[*A maçaneta redonda*]

A maçaneta redonda
Enche de enleio
A mão fina.
Na cera incerta
Parece morta.
Espelha disforme
As ferragens ou
As lágrimas descuidadas
De vidro fosco
Pelas madeiras e as pregas.
Se alegra a desejada,
A inundada de luz.
Zombeteira,
No seu íntimo

E já agora o pezinho dum sofá ou a perninha dum sofá:

[*O pé pequenino*]

O pé pequenino
 Talhado na tábua raquítica
 De insólito mobiliário de verga,
 Roça-me a alma.
 Não descanso,
 Sem siso eu soluço.
 Eu sufoco.
 Tão mísero.
 Flor seca e vertiginosa,
 De pele encerrada.
 Que presunção
 Vê-la viva
 A impregnar olorosa
 As fronthas da almofada. <As páginas do missal.>

E agora um poema final,... Já abusei muito da vossa paciência. Um poema que retoma aqui a expressão “na mão do mundo”, que é uma expressão de Camões numa carta a um amigo:

[*A mão cicatrizada que escreve*]

A mão cicatrizada que escreve,
 De escrever, já antes de morrer
 Afastou-se de mim, por demais.
 Será sempre celibatária. Morta (ou
 Não) na câmara mortuária.
 Mão que entrou na chaga,
 Chagada.
 E coagula a palavra,
 Não sei porquê,
 Contra o que diz e desdiz,
 Hesitante no pranto,
 Outrora. Agora
 Com negras tintas, ocultas fezes,
 Deixo a mão «na mão do mundo». [Camões]

Obrigado. Isto é abusar da paciência...

Luís Mourão – A gente já lá volta, a gente já lá volta...

Ana Luísa Amaral – Relativamente à questão da perversão, para já coloca-se-me logo um adianto, nós estivemos a debater isto durante dois dias: o que é a perversão? A perversão é diferente da transgressão, que por sua vez é diferente da subversão, para mim são termos que estão ligados uns em relação aos outros, e eu iria talvez (produto de uma geração – tenho 53 anos, eu não sei que idade tens...)

José Emílio-Nelson – Vou fazer 61.

>>

Ana Luísa Amaral – É uma diferença pequenina. Só que eu comecei a publicar em 1990, o meu primeiro livro saiu quando eu já tinha 33 anos, não foi muito cedo. Até na altura, não é?, fui ligada à geração de '90, mas depois há ali uma *décalage*, porque sou um bocadinho anterior a isso. Confesso que nunca se me colocou a questão, a pessoa escrever de uma forma perversa, "o que eu escrever vai ser perverso?", "o que eu escrever vai ser transgressivo ou subversor?", ou seja lá o que for, quer dizer, a questão nunca se me colocou porque – eu escrevo porque escrevo. A gente escreve... não penso o efeito que isso vai ter. Acho até que isso é –, para mim acho que deve ser – contraproducente. Estar a pensar no efeito que isso... porque a perversão é um jogo que necessita do outro para ser jogado, o outro pode estar um bocado por exemplo, sei lá... Se entendermos como perversão a necrofilia, por exemplo: é uma perversão, precisa do outro, embora o outro esteja morto, embora o outro seja ausente, mas precisa do outro enquanto fantasma, digamos assim. E portanto estar a pensar no outro, no efeito que isso tem no outro enquanto se escreve, isso nunca me aconteceu. Depois de o poema estar escrito e eu pensar: como é que isto vai afectar, digamos assim, quem vai ler – acho que são coisas diferentes, percebes? Enquanto estou a escrever, não. Agora pensar assim: será que isto vai ser lido

desta ou daquela forma, aí isso já aconteceu. Mas, para mim, a questão de se entender a perversão como universo... eu talvez fosse mais para um conceito que talvez se possa aplicar não sei, à minha poesia, isso tem sido dito: o avesso ou o excesso. Portanto, esses dois conceitos, não é? E o avesso não é necessariamente o inverso, eu posso ter o mundo do avesso, não quer dizer que ele esteja ao contrário. Quero dizer que ele está, que estamos a ver o seu forro, digamos assim, é diferente, o forro de pernas para o ar, embora eu tenha um poema que diz precisamente isso, "meu poema que ficaste de pernas para o ar como eu já estive tantas vezes", etc. E aí o sujeito poético... aí de facto há uma vontade de provocar o outro ao contrário, numa posição incómoda, desconfortável, e quase cruel. Eu acho que há às vezes essa dimensão de crueldade, eu estive até à procura de alguns poemas, a ver se encontrava – e encontro, encontrei vários, mas talvez possa deixá-los para daqui a bocado ou leio agora, não sei como queres fazer.

Luís Mourão – Deixar?

Ana Luísa Amaral – Então pronto.

valter hugo mãe – Primeiro, muito boa-tarde a todos. Eu devo dizer que fico contente por esta conversa não ser feita na Universidade, porque assim acho que fico um pouco mais livre para dizer algumas asneiras, porque a minha precisão... sou absolutamente aleatório, e intuitivo, e tenho a sensação de que não sei muitas coisas, faço o que faço, e enfim...

Se me senti alguma vez perverso a escrever alguma coisa? Também não sei exactamente, ainda por cima não pude assistir ao Colóquio, estive sempre ocupado e não pude aprender alguma coisa que agora me daria jeito para usar... mas tenho a sensação de que em algumas passagens de tudo o que eu escrevi me senti bastante provocado, e em relação às minhas convicções pensei: bem, será que é isto que eu quero

dizer? será que eu quero publicar isto? Eu tenho a tendência para achar que genericamente sou boa pessoa e propendo para um humanismo deslumbrante (*risos da assistência*), mas há qualquer coisa em mim que me faz nutrir um fascínio pelas coisas relativamente erradas, não sei exactamente o que é errado... Desde os meus nove anos, quando vi pela primeira vez um filme de terror à revelia dos meus pais, que não sabiam que eu estava a ver um filme de terror e achavam que eu estaria a ver uns desenhos animados quaisquer, que eu descobri que aquilo me metia medo mas que eu gostava de ver e gostava de ter aquele medo. E acho que em relação aos meus livros muitas das vezes, ou em algumas passagens, eu tive essa sensação estranha de achar que se calhar estava a fazer alguma coisa sobre a qual tenho dúvidas, que não sei exactamente que efeitos pode ter na cabeça dum leitor, mas que eu precisava de descrever por algum motivo. As primeiras coisas que me assustaram – foi quando eu ainda acreditava que Deus existia e esperava até que Ele se manifestasse, porque achava que, enfim, as minhas convicções eram tão fortes que não havia razão para Ele continuar a ser ranhoso e não se pronunciar. Nessa altura devia ter eu uns dezasseis ou dezassete anos, comecei a escrever uns poemas satânicos. E eram profundamente satânicos, desde Deus a ser penetrado até... enfim, coisas que ocorrem na cabeça de todas as crianças de dezasseis anos, mas que nem toda a gente escreve ou conta aos amigos. E o que é que eu queria? Eu queria de facto que Ele se zangasse de tal modo comigo que me abatesse com um raio, que me provasse que existe, e depois eu ia para o limbo ou para não sei onde, suplicar a salvação, e de certeza que me salvaria...

>>

Ana Luísa Amaral – Querias! Ir para o limbo...

valter hugo mãe – Para algum sítio, não sei... E depois era criança...

Ana Luísa Amaral – Era menor...

296>297

valter hugo mãe – Era menor... E lembro-me do *frisson* que era escrever aqueles textos, e pensar que estava a fazer uma aberração, e que estava inclusive a contradizer tudo em que eu acreditava e, enfim, eu até queria que todos acreditassem. E depois Deus morreu, não é? A partir daí eu deixei... A escrita tornou-se de tal modo quotidiana para mim, que eu entrei um pouco, como diz a Ana Luísa Amaral, nessa fase em que eu já não percebo muito bem os efeitos das coisas. E por exemplo posso dizer-vos que quando publiquei *o remorso de baltazar serapião*, o romance, enfim, que se passa na Idade Média, em que um rapaz muito bonito casa com a rapariga mais bonita da vila e que ao longo do romance a estropia toda e a transforma num certo monstro, quando publiquei esse livro, não estava minimamente consciente de que o livro poderia deixar o leitor chocado fosse com o que fosse. As passagens duras do livro a mim divertiam-me, se calhar penso que sou boa pessoa e já estou estragado para todo o sempre e não tenho volta. E tem sido comum as pessoas, sobretudo as raparigas, sobretudo as mulheres, lerem aquele livro, algumas param, não conseguem avançar, lá para a página 40 há ali uma coisa que acontece, que eu compreendo que seja algo que é o momento mais forte, mais violento do livro, mas quando chego a essa parte há uma quantidade, uma percentagem de 30% das mulheres que param o livro, não conseguem ler mais do livro. E eu não estava minimamente à espera disto, porque... Embora eu compreenda a violência daquela passagem, eu via aquilo pelo lado mais ridículo, eventualmente, e naquela passagem podia não me rir, mas ria-me três linhas abaixo, começava-me a rir, e eu ri-me durante quase todo o livro. É uma coisa que ninguém faz, não percebo por que é que as pessoas não se riem a ler aquele livro. De maneira que... ah... não quero dizer mais nada. (*risos da assistência*)

José Emílio-Nelson – Nunca pensaste em fazer uma edição para mulheres mais barata, com menos páginas? (*risos da assistência*)

valter hugo mãe – Pois, não sei... Já pensei em pôr umas ilustrações mais... A Adília Lopes dizia uma coisa muito interessante: quando a *Obra* dela foi publicada com as ilustrações da Paula Rego, perguntaram-lhe, numa entrevista, se ela gostava, se se identificava com aquelas ilustrações, e ela disse que não conseguia olhar, que não gostava das ilustrações, que não conseguia olhar para aqueles bonecos – eram três imagens – porque não conseguia ver aquilo, achava aquilo extremamente violento, achava aquelas imagens muito violentas e tal. Significa que, no fundo, ela explicava que conseguia escrever sobre aquilo, e tinha até alguma consciência de que escrevia sobre aquilo e às vezes até mais violento, mas que não conseguia ver. E eu acho que sou um bocado... tenho um bocado essa... não consigo ver, escrevo e não tenho a noção imediata da imagem que aquilo produz, talvez precisasse de alguns bonecos para ver...

>>

(*Abre-se o debate. Momento de silêncio.*)

Luís Mourão – Aquele momento constrangedor...

Marinela Freitas – Eu gostava de perguntar se em algum momento sentiram que um crítico ou um jornalista perverteram completamente uma coisa que escreveram.

José Emílio-Nelson – Eu por exemplo tenho uma atitude com a crítica que é esta, fico sempre assustado quando me dizem: escreveram sobre as tuas coisas. Não por qualquer pretensão, porque é sempre bom, houve períodos em que as pessoas esquecerem-se do que fazemos também era uma maneira já premeditada de contrariar, enfim, o estímulo à escrita de

cada um... Não é por acaso que aqui no Porto, quando se faz qualquer coisa – e isto é uma das coisas que me surpreenderam por exemplo neste Colóquio – foi não terem convidado nenhum poeta de Lisboa a estar aqui, porque não se faz nada aqui que... das duas uma: ou é poema morto, que é glorificado, ou então tem de ser alguém de Lisboa, porque... e portanto em relação à crítica tenho esse distanciamento. Mas gosto muito que apontem, por exemplo, que digam este indivíduo é “assim”, mas que exemplifiquem com o texto da pessoa. Porque pode-se dizer tudo sobre as pessoas sem exemplificar.

Mas eu só queria aproveitar antes, se me permitisse, para esclarecer uma ideia: quando eu digo que a escrita para mim é uma pré-versão, isto não choca com o que disseram aqui a Ana Luísa Amaral nem o valter hugo mãe. Eu para já não vou para a escrita de lado nenhum. Eu quero dizer que – são autores premiados e consagrados, e tal – este livrinho por exemplo que eu trouxe aqui, na eventualidade de ler aqui, é um poema que a Fnac se recusou a encomendar. Portanto, quanto mais para prémios... (*risos da assistência*) Vocês já viram alguma Câmara a dar um prémio a uma *Bibliotheca Scatologica*? O próprio júri nem sequer resolveu falar destes livros. Portanto, quando eu dou o nome de *Penis, Penis* a um livro, eu já estou fora dessas consagrações todas. Não é que as merecesse, mas estou fora disso. Eu digo pré-versão neste sentido: é que eu tenho consciência (tenho consciência, isto é, na evolução que eu tive, porque quando comecei a escrever com certeza não tinha esta consciência, embora eu tenha tido a oportunidade de ter, alguém com quem conversar e que me ensinou a falar e que realmente me podia falar muito sobre estas coisas) a consciência disso, tive-a através de um estudo profundo dum Professor universitário, o Luís Adriano Carlos, que realmente dedicou à “Fisiologia do gosto”, que vocês conhecem da Faculdade. E portanto tomei alguma consciência. Mas a verdade é que me pago de uma maneira indecente: é que eu, a partir daquele estudo, a minha obra teve uma *volte-face* que o

homenzinho até já me disse, ó pá, tu agora, quer dizer, parece que eu não inventei nada (*risos da assistência*). É esta a situação que eu tenho com a crítica, eu pago mal à crítica, porque o meu sentido, aquilo que eu penso que faço é uma traição completa a quem escreve sobre mim. Quer dizer, uma vez o José Gomes Ferreira, ainda tive a oportunidade de falar com ele, ele dizia assim: “houve um indivíduo que falou sobre os espelhos na minha obra, ó pá, cada vez que eu escrevo a palavra *espelho* tenho de ir ver se aquilo está dentro do que ele diz...” (*risos*). Ora eu faço precisamente o contrário: alguém que fale sobre a minha obra, eu não respeito o que ele diz. Porquê? Porque ele escreveu sobre um *corpus*, escreveu sobre aquilo que estava escrito: não vai condicionar aquilo que eu quero fazer a seguir ou aquilo que sai por mim, porque a poesia surge-me desta maneira, eu sendo um ateu acredito muito nas musas, que é esta: eu gosto de fumar pouco, mas fumo regularmente charutos de Havana, e têm de ser grossos, gosto deles grossos, e portanto bons charutos, e cada vez que eu falo de charutos lá vem poema, lá a família já sabe, fecham-me as portas, eu solto a alma, é uma certa embriaguez...

>>

Luís Mourão – Ah, afinal há uma alma...

José Emílio-Nelson – Há uma embriaguez, eu chamo à alma embriaguez. Esta embriaguez, para mim, é mais uma anamorfose, quer dizer, isto para mim está presente em tudo o que eu faço: há um alongamento das coisas, há uma distorção das coisas, há um espelho que não... por isso, é um drama pessoal, de cada um, da sua construção... Fui um rapazinho sempre muito tímido, e ainda sou, sou um rapaz muito tímido que durante muitos anos não era capaz de atravessar uma rua quase... Então raparigas, ainda agora se estiver com uma rapariga sozinho, e se começar a falar, e se me lembrar que estou com uma rapariga, eu fico da cor do diabo, portanto tenho estas limitações, que é que eu faço? É realmente ter a

capacidade de, primeiro, abdicar daquilo que eu acho que é o falso escândalo da curta duração. Até pelo contrário, agora ultimamente, eu, desde que vejo o Graça Moura a fazer um poema que fala de cona, o Vasco Graça Moura, eu confesso, eu ando à rasca para limpar os meus poemas! (*Risos da assistência*) Porque o que distingue verdadeiramente aquilo que eu faço é isto, quer dizer: eu assumo, por exemplo, eu sou um autor pornográfico. Eu tenho muito presente o Bataille, o erotismo é a memória do sexo, e eu é evidente que não me identifico com o vulgar, com a vulgata. Mas o que eu digo com a pornografia é isto: se os homenzinhos estão a ter relações, ó pá!, por que é que não se há-de mostrar, o sexo, portanto o que eu digo é isto: eu defendo uma liberdade imensa para aquilo que se faz. Eu não estou a pensar, quando escrevo, se estou a pensar que escrevo, se calhar, o que está a escrever é que me escreve, se calhar sou eu que estou a ser escrito, não é isso que me preocupa nada, o que preocupa é dizer assim, olhar para aquilo e dizer assim: como é que eu aos meus filhos, aliás, têm muitas dificuldades em encarar... Como é que eu sou capaz de, por exemplo, estar numa terra, e diz-me lá a bibliotecária: “nós gostávamos de falar dos poetas, é poeta daqui, e tal traga-me uns poemas para trazer aqui”, “então mas para quê?”, “para a Câmara” e tudo, e eu disse: “esconda-me isso aqui das pessoas”... Por amor de Deus, deixavam de pagar a renda à Câmara, não faz sentido, não faz sentido... é nesta perspectiva, portanto: eu não tenho o sentido de “vou fazer perverso”: Eu sou como sou!

valter hugo mãe – És perverso...

José Emílio-Nelson – Sou perverso, não sei se é antes do verso ou depois do verso. Eu tenho um poema, que dizia, aliás sobre o Eugénio de Andrade, que se chama “A visitação dum poeta”, que visita o Eugénio de Andrade, não digo lá isso mas enfim, já se sabe, e em que eu dizia: “antes do verso é o grito

perverso”. Foi sempre esta atitude, a perversão neste sentido, dum miúdo que não teve a possibilidade de afirmar a sua liberdade às pessoas, eu era muito loiro, e então os meus colegas andavam atrás de mim sempre, que eu era o “policloro”, ou não sei quê, que havia uma coisa de pintar os cabelos, “ah, tu usas o policloro, tu usas o policloro”, e tal... Eu não sabia já o que é que havia de fazer, portanto isto é a minha vingança, digamos...

Luís Mourão – Ah!...

José Emílio-Nelson – É a minha vingança: a minha escrita sai-me como uma libertação grande de realmente ser contra tudo, contra tudo. As pessoas até foram muito bonzinhas, gostaram, publicaram, porque eu publiquei sempre os meus livros com uma independência... eu publicava aquilo que me apetecia: pago e publico! Nunca andei atrás de um editor para nada, nem a corrigir livros porque é um editor. Por isso é que faço estes livros, com estes títulos que não cedem nada a querer ser aceites pelas pessoas, e, mau grado isso, também já cheguei a um ponto em que está-me a dar um gozo é começar a escrever sobre os outros poetas, dar a minha opinião sobre a escrita, aquilo que eu imagino que seja a escrita, e é essa a pretensão que eu tenho agora. Porquê? Porque me considero realmente já um indivíduo... depois deste último poema em que eu digo à mão: “agora vai escrever”, e ela vai, eu escrevo já finalizado, digamos assim, e portanto a partir de agora é um embalsamado, que começa a falar... Mas eu não quero estar aqui a monopolizar...

>>

Joana Matos Frias – Já agora eu queria só, para fazer uma provocação e voltando à “Fisiologia do gosto literário” — a essa relação apesar de tudo complexa com o discurso crítico e académico —; apesar de tudo nós somos uma tutoria, não é?

José Emílio-Nelson – Vocês também são uma perversão desse discurso...

Joana Matos Frias – Voltando à “Fisiologia do gosto literário”, não considera que... ou seja, não pensou na “Fisiologia do gosto literário” de Luís Adriano Carlos: “como é que eu, com a minha obra, levo um crítico e um teórico a questionar os próprios fundamentos do gosto estético, só com a minha obra?” Porque esse texto... talvez o sentido desse texto seja legitimar o mau gosto da sua obra. E nesse sentido talvez o incomode, porque não queria que o mau gosto fosse legitimado.

José Emílio-Nelson – Não...

Joana Matos Frias – Mas a verdade é que houve um crítico a pensar crítica e teoricamente a matéria do gosto de uma forma que não há muitas obras que... não é?

José Emílio-Nelson – Sim, é um texto fundador é evidente que é um grande... eu não o pus em causa!

Joana Matos Frias – Não, mas é uma relação complexa com a crítica, não é?

José Emílio-Nelson – Não, mas é que isso eu não considero até uma crítica, isso é um ensaio!

Joana Matos Frias – Sim, uma crítica que...

José Emílio-Nelson – Quando eu refiro a crítica, é a crítica... Aliás, eu quero reconhecer que ainda ultimamente o Pedro Sena-Lino escreveu na *Colóquio Letras* um texto que eu considero muitíssimo interessante, percebeu muito do que eu quero dizer, porque a minha ideia fundamental é esta, eu tenho a pretensão de fazer uma coisa que é muito antiga: apresentar duas leituras dum poema. Eu escrevo um poema, e tenho alguns poemas em que tenho isso já anotado, em que há uma leitura que é perceptível, logo imediata, mas há uma lei-

tura minha, codificada, lá presente, e que eu posso desmontar, aliás a *Bíblia* tem muitos textos desses, e é portanto uma pretensão minha estar a fazer isso. O texto do Luís Adriano ajudou-me a tomar consciência de todo um processo muito grande, isso não está em dúvida. O que eu quero dizer é que respondendo à crítica, isto é, não fiquei refém de toda essa projecção. Eu, a partir daí, tenho desenvolvido outras perspectivas, eu agora estou a fazer esta *Antropologia*, mas fiz por exemplo estes *Sonetos Glauco*s que são sonetos barrocos, e completamente diferentes... já me perdi um pouco na sua pergunta...

>>

Joana Matos Frias – Não era uma pergunta, era uma provocação...

José Emílio-Nelson – Está bem, está certo... Quero dizer esta coisa extraordinária: eu em 74, como disse, tive o Joaquim Manuel Magalhães a escrever no *Diário de Lisboa*, ele todas as semanas só falava de poetas ingleses e escreveu sobre mim palavras que eu agora transcrevi até aí no *myspace*: "intensa acidez de José Emílio-Nelson", e não sei quê, não sei quê, em 74... Eu tenho cartas de vários escritores, vários poetas, porque tive sempre esta ideia: eu fazia publicava um livro e às vezes não ia para a livraria, ia só para oferecer a meia-dúzia de pessoas que eu achava... eu por exemplo estava no Orfeu à espera da Maria da Glória Padrão, quando ela apareceu, para lhe dar o livro (*risos da assistência*), estava à espera doutro, e meia-dúzia... e o Luís Adriano Carlos foi um indivíduo a quem ao longo dos anos mandei o livro, nunca me disse nada, à excepção dum livro que me escreveu a dizer: "estou a fazer uma tese de doutoramento, estou muito ocupado, mas gostava de falar consigo", eu tenho lá esse cartão, em que ele fala dessas coisas. Eu habituei-me a ter, (ainda agora tenho) muita recepção, digamos, particular e privada. Às vezes pessoas que têm essa atitude mas depois em público esquecem. Mas não valorizo muito isso. Precisamente porque, para mim os valores são

os dessa fantasia infinita que me permite fazer tudo às avessas, e fazer tudo como se fosse uma prostituta, faço um poema como se parecesse um homossexual, e se calhar sou isso tudo, não estou agora a apanhar com um indivíduo qualquer, um franciscano qualquer que me venha agora dizer umas coisinhas... depois quando falam de mim, se calhar sou... se ele conhecer por exemplo só o Alberto Pimenta, até diz que eu tenho alguma coisa do Pimenta, se conhecer não sei quem... Mas este pintassilgo não deve saber aquilo que eu conheço ao longo dos anos... E, portanto, o Catulo, eu estou preocupado é com o Catulo, com o Juvenal, com o Marcial... são os meus colegas de trabalho! Venham-me falar agora de meia-dúzia de indivíduos que eu acho porreiros, quer dizer, não são... são tipos porreiros, pá! Quer dizer, tudo bem, não desvalorizo, mas não tenho que andar a fazer o trabalho deles. Pelo contrário: tenho a preocupação muitas vezes de fazer um poema e se vir que há ali um toque com alguém, esqueço, eu tenho de auto-censurar aquilo que faço: risco. Porque eu não tenho essa pretensão de avançar onde estão a explorar as outras pessoas, percebe?, mas o que eu não tenho é esta pré-versão, esta ideia da versão, que é uma pré-versão, que é uma inversão, que é isso tudo, para mim é a obscenidade. Isto é, mostrar o que é sempre oculto. Por outro lado, acaba-se por ser uma sub-versão, mas sub- no sentido de menor versão, é uma menor versão, é menor, arte menor, o que eu faço é arte menor. Arte menor que, por vezes, vem um, vêm agora esses iluminados, "podes falar nos *kitsch*" e nessa coisa... Eu só faço assim por uma coisa: os universitários não precisam de dizer que sabem. E eu sou um analfabeto nestas coisas das letras, não tenho... Portanto eu tenho de mostrar, tenho de estar sempre de pezi-nhos levantados (*risos da assistência*) e portanto dá-me gozo estar a recriar o barroco, gosto muito do barroco, eu considero-me um homem barroco, e portanto extravagante, e portanto contraditório, isso tudo, não é? Eu não quero estar aqui porque se não nunca mais me calo...

Ana Luísa Amaral – Ah, a história da... acontece, sim, já me aconteceu, já... Não interessa nada, sei que não interessa nada o que um poeta quis dizer, em última análise cada qual lê como lê, e o poema a partir do momento em que está publicado fica ali, coitadinho, preso, à disposição de quem quer, não é?, e da forma como as leituras de diferentes maneiras, depois são feitas. Tenho alguns episódios até curiosos, engraçados, de leituras que foram feitas e que não têm nada a ver, para mim, com... com o que eu considero que a escrita gera, ou o nascimento, a origem de um determinado verso, ou de uma determinada imagem ou de uma determinada ideia que está no poema, isso já me aconteceu algumas vezes, não foram assim tantas vezes quanto isso, mas já aconteceu algumas vezes. Eu acho que a mais engraçada, (eu já contei uma vez, há pessoas que já conhecem), foi uma vez terem lido um poema que eu tenho, que se chama "O excesso mais que perfeito", terem lido "rododendros" como... uma metáfora da menstruação. (*Risos da assistência*) Quando, e eu já contei isto, quando efectivamente "rododendros" tem uma história muito mais simples do que isso. Tem a ver com um livro que eu li para aí com catorze, quinze anos, que era um romance *light*, uma coisa da Daphne du Maurier chamada *Rebeca*. E a determinado momento, há uma descrição em que elas se vestem Manderlay, e depois diz: "ele desciam de braço dado e rodeados por uma alameda de rododendros vermelhos brilhantes"... E eu acho até que só mesmo noutro dia... Não sabia muito bem o que eram rododendros, mas achava que era uma palavra de facto muito poderosa, muito forte... E não é qualquer poema de facto, em português, que aguenta rododendros, não é? (*Risos da assistência*) Ora, eu achei que era uma ambição que eu tinha, poder usar a palavra rododendros. E portanto só vem daqui, mais nada, mas eu tinha esta fantasia, os rododendros de vez em quando vinham. E então naquele poema, "O excesso mais que perfeito", começa: "a respiração..." e depois diz: "uma alameda inteira de rododendros por onde o vento ao passar parava des-

>>

lumbrado”, e agora, olhando para fora, aquilo de facto trata também da questão do sublime e não sei quê, bom, claro que naquele poema os rododendros, ali, caem que nem ginja... Mas eu estava a pensar... *Rebecca*, da Daphne du Maurier que Hitchcock pôs em filme. Sim, já me aconteceu, já. As pessoas que lêem terem, de alguma forma, pervertido... Eu nem sei se é perversão, aqui talvez tenha sido... se tenham desviado, digamos assim, do sentido que eu, eu sei exactamente, e muitas vezes é muito engraçado porque, por exemplo, isto decerto aconteceu-nos a todos com certeza, não é?, no poema, há versos ou há uma expressão qualquer que é como se tivesse dentro de mim um eco, um som que ao mesmo tempo é um eco de emoção, aquilo provoca-me sempre, quando eu leio, aquele segmento ou aquele verso provoca em mim uma emoção que não tem a ver só com a emoção que eu senti quando escrevi o poema, mas com uma emoção que eu tive quando li o poema escrito pela primeira vez. E então faz um sentido, para mim, que eu às vezes fico assim: “mas tu não vês que aqui é não sei quê, não percebes” - “não percebo nada disso” - “mas é! não vês que aqui está não sei quê, está o eco”, e para mim aquilo é muito claro, muito óbvio, e para quem lê não é, lê completamente de outra maneira. Mas isso acho que é inevitável.

valter hugo mãe — Eu quando publiquei o meu último romance, *o apocalipse dos trabalhadores*, saiu um texto no *Expresso*, saiu uma crítica de um senhor que, logo nas primeiras linhas, dizia qualquer coisa como: “mais uma vez as linhas-fortes deste livro de valter hugo mãe são Deus e o sexo”, e depois entre parênteses punha: “que para o autor são uma e a mesma coisa”. E aconteceu-me um bocado se calhar aquilo que o José Emílio estava a falar acerca do... De repente parei ali, pensei: o que é que isto quer dizer? Nunca me passou pela cabeça... e desde logo naquele romance que... Deus nem sequer intervém no romance, quem existe é o São Pedro, o São Pedro tem assim alguma tangibilidade humana e por isso

Maria da Graça poderia querer ir para a cama com ele, mas nem se coloca no livro, e fiquei de facto assim parado naquela frase e até suspeitei: bem, o homem vai arrasar com o meu livro, porque começa a dizer uma coisa que eu nem sequer sei de onde isto é, é porque não gostou do livro, viu coisas que não eram as coisas que eu queria fazer. E a primeira tentação, porque é uma tentação mais do que simplesmente eu pensar que ele pense o que quiser, que diga o que quiser, é tentarmos fazer corresponder aquilo à ideia que nós temos do nosso próprio trabalho, e eu andei ali um tempo, e até perguntei assim a algumas pessoas e liguei à Maria do Rosário Pedreira, que é a minha editora, e disse: “Rosarinho, tu achas que Deus e o sexo para mim são a mesma coisa?” (*Risos da assistência*.) Ainda por cima aquela tónica, como ele dizia: “mais uma vez”, quer dizer, será que todos os meus livros são sobre ir para a cama com Deus? ou qualquer coisa com Deus? Quer dizer, eu até achava que não, quer dizer, eventualmente quando era puto, mas agora não. E por isso, sim, às vezes a crítica tem este efeito estranho... E depois ele acabava dizendo que o meu romance teria querido chegar a Rilke, mas que chegou a Camilo Castelo Branco. E eu fiquei assim um bocado... o Rilke é um autor de quem eu inclusive gosto muito, mas gosto também de Camilo Castelo Branco, e fiquei sem saber se aquilo era uma coisa boa, se eu devia culpabilizar-me de alguma falha, se era uma falha, e... e depois comecei a achar que de facto tenho que deixar o romance sossegado e sossegar-me a mim também para escrever mais coisas, porque... não consegui... de facto, há coisas que eu pelo menos não consigo subsumir naquilo que faço, não consigo ver naquilo que faço, mas que as pessoas vêem... E o homem não deve ser estúpido de todo: escreve no *Expresso*, não é? (*Risos da assistência*)

>>

Luís Mourão – Bom, pelo menos uma conclusão eu tiro disto: afinal os críticos também são um bocadinho criativos. Já não é mau, já não é mau... Mas eu, pegando na deixa, ia pôr

agora a pergunta ao contrário: nunca vos aconteceu a crítica ter pegado numa obra e ter levado essa obra por um caminho completamente distinto e vocês sentirem aquela coisa: “eh pá, pronto, então agora a obra faz o seu caminho, e eu posso ficar completamente descansado, agora é a obra, quer dizer, já não é nada comigo, agora eu posso fazer outra coisa, a obra lá vai, lá vai, aquele apanhou, depois aquele vai apanhar, joga para ali, joga para acolá, olha que engraçado, a obra lá vai”?

valter hugo mãe – Isso é importante que aconteça, não é?

Ana Luísa Amaral – Pois se a obra já está feita...

Luís Mourão – Mas esta coisa de sentirem que começa a ser lida...

valter hugo mãe – Tem uma vida própria, não é?

Luís Mourão – ...de uma forma que ultrapassa...

Ana Luísa Amaral – Que condiciona?

Luís Mourão – Não só, mas ultrapassa aquilo que vocês pensaram que tinham lá posto, mas sentem uma enorme libertação, que ela lá vai...

Rosa Maria Martelo – Se calhar eu queria voltar aí a mais uma dimensão, que era: nunca vos aconteceu ao contrário? Isto é: encontrarem no vosso leitor uma capacidade de desenvolvimento dos vossos caminhos que, de alguma maneira, espelha, e até, como é que eu hei-de dizer?, espelha de uma forma que intensifica, nunca vos aconteceu sentir que o leitor de alguma maneira completa...?

valter hugo mãe – Enriquece, às vezes enriquece.

José Emílio-Nelson — Eu penso que... colocou-se esse problema agora com o estudo da "Fisiologia", é evidente que... foi uma recauchutagem de um pensamento desgarrado que poderia ter, tive a consciência e aprendi com isso, é inevitável. Aliás, é muito curioso ver esse limite do leitor. O episódio que a Ana Luísa Amaral mostrou é também... para os criadores é evidente que cada um lê um poema, ou lê um texto, e acrescenta da sua experiência e acrescenta da sua cultura. Eu nunca me esquece que uma vez precisamente o Alberto Pimenta... de um livro que eu lhe mandei, em que eu falo de um passarinho, um indivíduo que anda a dar as mulheres aos amigos e tal, enfim, ele escreveu-me e disse: "isto eram os aguadeiros de Lisboa, os galegos que vinham para cá e que andavam a tocar e a oferecer isto, e aguinha, depois ficavam com as senhoras", e tal, contou-me uma história, que maravilha, se eu tivesse pensado nisto! Isto foi uma coisa muito mais trivial, de que eu estava a falar. Portanto há sempre isso. Mas isso é um perigo, quanto a mim, se um escritor, quando começa a ter público, quando começa a ter necessidades mercantis, tem que responder, não é?, e isso passa-se muito com os romancistas, não é recado de maneira nenhuma aqui ao valter, que ele consegue libertar-se disso, é poeta e isso está muito presente na escrita dele, mas agora imaginem o que isso é, e isso põe-se à escala global — há editores que chegam a reformular, a pedir a reformulação de páginas aos escritores. Em França, *A Náusea* foi uma imposição do editor, o Sartre não queria chamar *A Náusea*, felizmente até foi um caso feliz... Mas sabemos que isso é uma prática, por exemplo, do comércio das editoras, aceite em quase todo o mundo, dizem ao indivíduo: "você mata aqui a personagem aqui nesta página, não a pode matar já, mata-a depois!" Ou "queima-a". Isso é uma coisa que se faz cá em Portugal, há testemunhos disso. Não quer dizer que seja bom ou mau, mas a verdade é isso. Agora o que me parece é: quando a pessoa escreve o texto, eu escrevo o texto só a pensar naquilo que estou a

>>

fazer... Aliás, o René Char fala da escrita como um "artesana-to furioso". É isso, precisamente. É uma sublimação da masturbação, para mim, quer dizer, eu faço o poema como uma masturbação. As pessoas às vezes antigamente dizia-se: "é pá, esse indivíduo masturba-se, tá bem e tal, a masturbação...", pois eu acho que é mesmo isso, quer dizer, eu faço um poema... eu estou ali, fechado em casa, a trabalhar naquilo... É um gozo... Se calhar na infância não era tão bom... (*Risos da assistência*) É esse o trabalho por que eu respondo. Agora, quando é impresso, quando começa a ser público, por exemplo, como agora esta desgraça destes poemas que eu li, que ainda estou a trabalhar neles, e portanto que eu expus, quando eles começam a vir a público, e quando são recepcionados, é evidente que aí são coisas que eu não respondo, eu vejo por exemplo na internet, há um indivíduo qualquer agora aí, até meio da direita, que me descobriu um poema, por exemplo, que é "Beatitude", e que me publica lá com uma daquelas estátuas do Estado Novo, muito musculosas, com uma espada e tal... não sei quê: "escreve Deus neste aparo o grito inquieto" Ele leva-me aquilo a sério, quer dizer, aquilo para ele foi um momento que eu tive de arrependimento, e de... Tudo bem! É a leitura dele, é a experiência daquele homem, de fé, etc. Por isso é que eu digo que sou um ateu de certa maneira religioso... Eu penso que é isso que ainda continua a salvar estas coisas, e por isso é que os poetas estão sempre em qualquer livraria em qualquer parte do mundo, são sempre... Vocês vão agora a qualquer lado... "A poesia?" – "ah, está ali, atrás da porta antes de chegar ao quarto de banho, tal, tem ali". E estão ali três ou quatro livros de poesia, porque realmente continuamos no fundo com este augúrio, esta maneira de falar... os deuses ainda nos fazem dizer qualquer coisa que se calhar já não é bom ninguém dizer... E portanto é isso que realmente continua este caminhar luminoso que faz com que vocês estejam aqui, que nós continuemos a escrever, que outras pessoas venham e escrevam, há aí qualquer coisa que

não está ainda explicado pela ciência, tenho realmente prazer em estar ali, nesse “artesanato furioso”, porque podíamos estar a fazer outras coisas, não é?

valter hugo mãe – Masturbar...

José Emílio-Nelson – Masturbar, agora... Agora, bem, com a química agora não tenho dificuldade. No caso aqui do...

valter hugo mãe – Ainda não preciso da química! (*Risos da assistência*)

>>

José Emílio-Nelson – Tu estás como o outro, que não precisa da química. A ideia que eu tenho é isto: e por que não falar dos colegas que estão aqui sentados? O caso do valter hugo mãe é um caso muito curioso, porque (agora reuniu a obra dele no *Folclore Íntimo*, não é?) eu tive uma agradável surpresa porque notei que o valter ganhou uma liberdade muito grande no escrever e portanto não respondeu, não correspondeu a essa exigência mercantil que é da preocupação de fazer aquilo que é bonito e que é recepcionável, foi capaz de pôr alguns grãos de... contra, digamos assim, aquilo que seria de esperar de um indivíduo que começa a ter aceitação. Eu vejo que a geração mais nova...E quando as pessoas me perguntam a idade ou vêm se já estou mais velho, até não noto nada, se calhar ainda tenho mais desejos do que eles... Agora sinto-me ainda mais atrevido do que quando era novo, mas isso agora estou a deixar de ser. Mas o *Folclore Íntimo*, por exemplo, faz uma coisa interessante: se não tivesse a ideia de que é um livro de poesia, é um livro de todos os géneros. Aquilo é uma desmistificação do género, contra as coisas, um Santo Agostinho de *Confissões*, mas é um Santo Agostinho, de certa maneira, a tentar que as pessoas compreendam o inverso do que lá está... Eu gostei de ler o livro dele, já lhe disse que até lhe quero mandar um apontamento sobre isso, perdi-lhe o *e-mail*, mas

quero-lhe fazer isto... E isso para mim é interessante porque, há muitos anos, quando eu publiquei o *Penis, Penis*, vocês não sabem que muita gente me disse: "tu nunca mais podes ser nada em poesia, porque não há ninguém que possa dizer: olha, aqui está o autor que publicou o *Penis, Penis*" (*Risos da assistência*) Curiosamente eu até estou um bocado... porque eu queria fazer uma espécie de latim, tenho uma conjugação, *rosa, rosæ*... E eu quis fazer qualquer coisa naquele sentido de sacralizar o que está dessacralizado, eu quis fazer qualquer coisa que fosse uma conjugação latina, *penis, penis*, aliás nem tem acento, eu escrevo sem acentuar, e diziam-me os livreiros ali na Leitura, na altura vendia-se: "que penís penís?" Eu era autor do penís penís, porque não era pénis... Portanto, é sempre este sentido que deve estar presente nas pessoas: é não fazer para um público leitor. Tenho uma experiência muito curiosa: uma vez encontrei o Eugénio de Andrade naquele filme do Genet, como é que se chama?, o *Querelle*, encontrei-o naquela penumbra dos reposteiros, a entrar, a sentar-se, no escuro, a ver, e eu encontrei-o e disse: é a oportunidade de... E estive então com o Eugénio, falámos daquelas coisas todas, e disse-lhe assim, com a coragem de adolescente, disse-lhe a ele: ó Eugénio de Andrade, você só fala de Outono, de Inverno, de Primavera, os poemas, é coisa, é Outono, e ele olhou assim para mim muito coiso e disse: "Sabe – mas isto ele disse – sabe? eu se deixo de falar disso tenho uma data de senhoras a telefonar-me a dizer porque é que não faço outros poemas como devia fazer..." (*Risos da assistência*.) É este o grande perigo, quanto a mim, da poesia do José Emílio-Nelson, por exemplo, é ter agora que fazer o, como é?, o mau gosto, não é?, tenho de fazer agora o mau gosto... E se eu quiser fazer agora versinhos como este: "a cor dos olhos é sem ruído", isto não é bonito? É isto que nós temos de responder à crítica. O Sartre dizia: virar o cu ao pai político, ou não sei quê. E nós temos de virar o cu aos críticos. A quem realmente interpreta, e muito bem, no *corpus*, mas depois não vai limitar uma pessoa que

está a escrever. Por isso é que as Universidades ou falam sobretudo dos mortos ou falam daqueles que há a garantia de que não vão mudar muito daquilo que fazem. Nunca vê eles a falar de indivíduos que são, como é que eu hei-de dizer?, inesperados, que apresentam... que têm alguma coisa à solta, essa ideia furiosa da escrita. Então os poetas que estão na Faculdade, eu fico espantado como é que eles conseguem... Caso da Ana Luísa Amaral, que tem evoluído muito, era uma pessoa de grande contenção, eu fui um dos primeiros a falar dum dos livros dela, a *Nossa Senhora de Quê*, fui um dos primeiros a escrever sobre...

>>

valter hugo mãe – *Minha Senhora de Quê*.

José Emílio-Nelson – Desde que a Teresa Horta falou lá da Minha Senhora de não sei quê, também... De qualquer maneira, é este o sentido. A evolução por exemplo, da Ana Luísa, já falei aqui do valter, a Ana Luísa era uma pessoa com muita contenção, com muito rigor, com muita, etc., e nos últimos livros já se esqueceu de que tinha de cumprir um programa, e tirou o espartilho, e realmente tem uma liberdade grande, não é? E está nas Faculdades, portanto, mostra que não está empalada, não é? (*Risos da assistência*) Estão-se a rir...

Ana Luísa Amaral – Não...

José Emílio-Nelson – Mas o sentido que aqui não se colocou... – deixe estar a rir, vocês interrompam e digam as coisas, aproveitem – é o sentido do que para mim é mais agradável, quer dizer, para falar das minhas coisas: é da escatologia. O aspecto escatológico do que eu gosto de fazer. Eu tenho explicado isto, é quase a minha pregação de Sexta-Feira Santa, que é a tal ideia da escatologia no sentido do *escatos*, que fala de um horizonte último, que é a sociedade sem classes para os comunistas, a vida depois da... a vida eterna, e

isso tudo, coisas, tal, essas ideias... mas depois há o *scatos*, que é o excremento, quer dizer, aquilo que nos faz sentir... Isso é que eu defendo, é que as pessoas não se esqueçam de que falam em toda a defesa das naturezas, o lince que não sei quê, o gatinho de não sei quê, e que cada vez as pessoas estão a ser mais esterilizadas, mais depiladas, mais lambidas de perfumes e de cremes, mais... não sei... menos parecidas com pessoas. Para quem tem faro, isto é horrível, a geração nova agora perde os ouvidos nas discotecas, perde o faro, já não nota isso. Mas quem nota, quem tem o sentido de ver as coisas até como vos mostrei aqui, da sexualidade até dos objectos, quem tem o sentido em si daquilo que é humano, que o faz ser humano, que é a ligação ao aspecto da ideia animal, a pessoa sente muito e sofre muito com uma sociedade que cada vez apaga mais essa ideia do corpo. Para mim, o corpo, a consciência do corpo é que é a alma, é a consciência do corpo, mas eu não conheço nenhuma alma que exista fora dum corpo, aquilo a que podemos chamar alma não existe fora do corpo. É esse o sentido que eu defendo nas minhas coisas, e vejo que as pessoas, com mais ou menos consciência, acabam por escrever uma poesia do corpo. É a poesia do corpo, é o que temos. É o que temos.

valter hugo mãe — Eu ia dizer, por causa do início da conversa, que uma das coisas que eu acho importante manter é a consciência de que aquilo que estamos a escrever, aquilo que estamos a fazer é substancialmente para depois ser abandonado. Não faz sentido nenhum depois perseguirmos os livros como se fôssemos de facto pais ou mães daquilo que está ali feito. A ideia lírica de que são nossos filhos é uma ideia ridícula, e eu que me chamo valter hugo mãe, detesto que me... “este é mais um filho seu?” (*Risos da assistência*) Pelo amor de Deus! Acho dum mau gosto... Mas... e por isso acho importante essa consciência de que o livro vai ser abandonado, quer dizer, e depois cada um vai fazer com o livro aquilo que bem entender.

Normalmente quando perguntam a alguém qual é o livro de que mais gosta, a resposta óbvia é: aquele que estou a fazer, porque é o único que está em aberto e com o qual ainda posso fazer aquilo que eu quiser. E por isso é o único que ainda não está abandonado, mas de resto... Eu, pelo menos, não tenho pudor nenhum em relação aos meus livros, ou compreendo que os outros possam, sei lá, fazer o corta-e-cose que quiserem, e lerem o que quiserem, e convencerem-se de que o livro defende os valores que não estão lá, ou seja o que for, a mim não me arrepiam nada. Há um autor, alguém dizia (eu nunca sei quem é que diz o quê, às vezes lembro-me assim de umas frases, e também nunca sei citar direito nada), havia alguém que dizia que há dois tipos de autores: aqueles que vão arrastando a obra e que a levam aqui e ali, que vão inserindo a obra aqui e acolá, e aqueles que vão a arrasto da obra, e normalmente aqueles que vão arrastando a obra, enquanto vão arrastando e enquanto estão vivos, conseguem mostrá-la e conseguem aparecer, e conseguem tudo e mais alguma coisa, mas têm um problema: é que no momento em que morrem, a obra perde o burro de carga. E arreia, quer dizer, pára. O indivíduo morreu, a obra já não vai a mais lado nenhum. E eu tenho um bocado dessa convicção, porque o nosso papel é mesmo fazer o livro e depois ele tem de se levar aos lugares sozinho. Se nós tivermos a tentação de o estar a empurrar ou puxar, estamos completamente enganados em relação ao nosso papel, acho eu.

>>

Joana Matos Frias – valter, estavas a falar há pouco sobre o *baltazar*, sobre o facto de as pessoas pararem e não avançarem, e também já me aconteceu ler alguns textos teus do *livro de maldições*...

valter hugo mãe – O “poema dos vizinhos preocupados com a nossa vida”.

Joana Matos Frias – Exactamente. E de facto as reacções são sempre de ouvintes que parece quererem parar de ouvir.

Mas a Maria da Graça põe lixívia na sopa do marido todos os dias. E ninguém pára de ler, porque a Maria da Graça põe lixívia na sopa do marido...

valter hugo mãe – Ninguém deixa de gostar dela, não é?

Joana Matos Frias – Claro. E eu agora pergunto: qual é a diferença da perversão que faz o leitor parar porque não aguenta ler, não aguenta imaginar os horrores do *baltazar* ou do *livro de maldições*, e do leitor que não pára, até sorri, quando a Maria da Graça põe lixívia na sopa do marido?

valter hugo mãe – É muito mais perversa a segunda situação, não é? Porque a diferença está em que, antes de eu dar a Maria da Graça como uma má esposa e eventualmente a assassinar o marido lentamente, adocico a personagem. E então a personagem surge como algo de irresistível, e o leitor vai caindo, vai caindo...

Joana Matos Frias – Não deixa de ser perverso, não é?

valter hugo mãe – Não deixa de ser perverso, e se calhar a situação é muito mais perversa do que a outra, porque ataca directamente o leitor na sua ingenuidade, não é? Enquanto que na outra a exposição é ostensiva e qualquer leitor com um QI acima dos vinte consegue perceber que aquilo não se faz, que aquilo está errado, em relação à Maria da Graça dá a sensação que no fim muita gente vai pensar: "hum... eu acho que vou começar a meter umas gotas de lixívia na sopa deste ou daquele". (*Risos da assistência*) Sobretudo porque a Maria da Graça não quer genuinamente matar o marido, o que ela quer é que ele não a incomode durante a noite, porque ela tem outro, basicamente tem outro, e de facto estar com outro durante a

tarde e chegar a casa e ter de dormir com o marido, seria um bocado demais... então ela põe aquelas gotas de lixívia, ele fica muito mal disposto, com muita dor de barriga e por isso não tem erecções. Sim, é mais perverso, mas dá-me mais gozo a mim fazer aí por esse lado...

Joana Matos Frias – É curioso como é uma sugestão que não causa... Estava a pensar um bocadinho no que é no fundo a relação entre nós, leitores e espectadores, com o que é perverso, não é? Nem sempre o que é perverso é aquilo que funciona, ou que mexe com... a sugestão do ponto de vista moral ou ético pode não nos incomodar minimamente do ponto de vista físico, não é?

>>

valter hugo mãe – Exactamente. Porque às vezes tem esse açúcar no meio... Por exemplo um dos filmes, ou um dos exemplos de maior perversão que eu conheço é o filme *Dogville* do Lars von Trier. Nós passamos o filme inteiro a sofrer por aquela miúda, já não me lembro do nome dela, mas era a Nicole Kidman. Passamos o tempo todo a sofrer com as dores da Nicole Kidman, e o filme até se alonga, eu acho que é para nós começarmos enquanto espectadores a sentir o fardo que ela sente, a que ela é submetida... E no fim do filme, o desfecho do filme é absolutamente perverso porque no momento em que ela é resgatada, e tem a possibilidade de se vingar daquela comunidade com criancinhas e mulheres e não sei quê e todos muito aparentemente convencionais – como seríamos nós – ela manda-os matar todos, e tem uma passagem incrivelmente violenta que é quando ela diz: “existe uma casa duma senhora com duas crianças, eu quero que tu mates primeiro as crianças com ela a ver e só depois é que a matas a ela”; e nós, enquanto espectadores, o que é que nos acontece? Nós glorificamos com aquilo, nós queremos aquilo. Por isso, em termos abstractos, todos nós somos assassinos no fim daquele filme, todos nós somos levados a um sentimento tal que nos coloca num lugar

onde não pensaríamos poder estar, porque regozijamos com... quando ela diz especificamente isto das criancinhas, nós queremos que aquelas criancinhas morram primeiro e a mãe esteja a ver e isto tem de ser o fim da bondade, quer dizer, tem de ser a perversão no seu auge. Mas de facto somos levados a isso, somos tão açucarados em relação àquela personagem, passamos a gostar tanto dela, que depois quando ela eventualmente faz alguma coisa que não devia ser bem assim, a gente já não quer saber de mais nada.

(*Pausa longa.*)

318>319

Não vou matar ninguém. (*Risos da assistência.*) Ficaram muito calados, ficaram assustados...

Joana Matos Frias – Não havia uns textos para lerem?...

valter hugo mãe – Podemos ler uns poemas...

Ana Luísa Amaral – Eu queria ler... Vou ler três poemas. O primeiro é "Coisas de partir":

Tento empurrar-te de cima do poema
para não o estragar na emoção de ti:
olhos semi-cerrados, em precauções de tempo
a sonhá-lo de longe, todo livre sem ti.

Dele ausento os teus olhos, sorriso, boca, olhar:
tudo coisas de ti, mas coisas de partir...
E o meu alarme nasce: e se morreste aí,
no meio de chão sem texto que é ausente de ti?

E se já não respiras? Se eu não te vejo mais
por te querer empurrar, lírica de emoção?
E o meu pânico cresce: se tu não estiveres lá?
E se tu não estiveres onde o poema está?

Faço eroticamente respiração contigo:
primeiro um advérbio, depois um adjetivo,
depois um verso todo em emoção e juras.
E termino contigo em cima do poema,
presente indicativo, artigos às escuras.

O segundo, “Mais que onomatopaica”:

Em vez de te riscar, criar uma palavra
que dissesse ela só que te risquei.
Mais que onomatopaica, inventada por mim
mas que sendo palavra só de mim

>>

fosse entendida pela demais gente:
o som do lápis rompendo o papel,
o de prego mental rasgando a mente.
O tema a desfazer-se e eu riscando-te em sons

na palavra sozinha, sugestiva do risco:
unhas diagonais, marcas de linhas de um lado
a outro lado. E em fino som de lápis,
o som mais fino do prego da mente

riscando-te da tela: súbito desvalor
por obra de arte —

Mais um, depois passo...

Atira a roupa toda
para o chão.
Depressa. Sem momento sedutor
nenhum

As peças aos bocados,
desmaiadas,
caídas pelo chão.
Do mais pesado ao mais quase
infinito de leveza

E deixa a luz
acesa. Sem sedução
nenhuma. Uma luz pelo menos
de 60 watts
Ou então crua,
de supermercado

Escolhe armário,
sítio esquadriado
onde os corpos
não possam descansar.
Sem qualquer tipo
de preliminar,
assalta-me
vestida:

que eu tenha a roupa
toda. Do mais pesado
ao mais
quase infinito de leveza.
Luzes todas acesas
Depressa
e de repente

Passemos à cozinha.

E lá, numa poética de mãos,
em suprema ginástica de olhar,
comamos lentamente,
com saber hindu,
os restos do assado sobrado
do jantar.

À luz
fosforescente
e sedutora, no mais
preliminar,
lança contra o fogão,
por sobre o ombro,
o copo de cristal
(dos de pé alto!)

Que o chão,
ao ser-lhe agudo como asfalto,
lhe ensine o kamasutra
em última edição

valter hugo mãe – Eu não leio nada bem as coisas... Vou ler “o poema feio”:

a princesa feia não casou mas, no tempo em que foi visitada por príncipes solteiros, querendo agradar, cortou uns palmos às pernas para ficar mais baixa e cômoda ao abraço, puxou pelos dedos para ficar com eles compridos, amassou os seios de encontro ao pescoço para subirem aos olhos da gente, rasgou os lábios para sorrir eternamente. agora, ali sentada, sozinha de amores, lembrava-se de ser impossivelmente a mulher que foi, mas os ratos passavam-lhe entre as falhas cortadas das pernas, e os dedos desjuntavam-se irremediavelmente murchos de encontro ao chão, os seios coagularam como calcificados com as marcas desorganizadas das mãos e os lábios articulavam apenas palavras de dentes, trituradas pelo osso da cabeça lentamente vertendo para fora da pele. conformada, a princesa feia, dizia à priora sua amiga que o vento estava louco. levantava-se instável e profundamente mortal, fechava a janela e voltava ao silêncio

>>

Poema de “maldição e desamor, de mariana para o marquês”:

mariana alcoforado sentava-se à janela do convento e maldizia a sorte com palavras feias. repetia vezes sem conta os desaforos e suspirava. era quase certo que pensava no marquês que levemente a deixara de coração aberto. mariana alcoforado murmurava, roubaste-me o coração sem alibi. queria dizer que o malvado marquês lhe tomou a vida sem bom argumento. talvez por isso, mariana picava bonecos com cara de homem, e queimava-os no forno onde fazia os assados. no seu íntimo, achava que só teria descanso, ou facilmente largaria o sol para anoitecer, quando lhe fosse dizer alguém que caiu sem mais nada a cabeça ao marquês. à noite, também sem mais nada, mariana levantava-se sonâmbula e convivia com os bonecos com cara de homem,

beijando-os e sentindo-lhes o corpo nos dedos trémulos. depois disso, eles espantados, ardiam confusos sem nunca acreditarem no ódio que ela tinha pelo marquês. levavam a humidade dos seus lábios e quase aprendiam a falar nos estalidos do fogo. poderiam dizer que ela estava louca ou, para que o sofrimento fosse perfeito, poderiam ter-se apaixonado por ela também e desaparecer dizendo-o imperceptivelmente, como fora o paradeiro do marquês encontrado no próprio suspiro da morte

E agora o dos “vizinhos”, para acabar:

322>323

maldição contra os vizinhos ocupados de nossa vida íntima

esticá-los com firmes cordas suspensas. usar uma lâmina afiada que lhes abra apenas a pele, de ponta a ponta a partir das patas. depois, acender fósforos e alumiar-lhes a carne vermelha. muito perto. apreciar que gemam, procurar, ainda sem tresloucada ansiedade, que vociferem mais forte e feroz por breves momentos. seguir com pequenas agulhas que cruzem de lado a lado os membros dos bichos. não ferir ainda os olhos. deixá-los verem. chamá-los pelo nome para lhes avivar reiteradamente os sentidos. se perderem os sentidos, mais vale deixá-los fugirem e, tempos mais tarde, recomeçar

Joana Matos Frias – Cabe-me a mim esta tarefa... Eu queria começar por agradecer à Ana Luísa, ao José Emílio e ao valter, por estarem nesta sessão de encerramento, que quisemos que fosse um bocadinho dentro do espírito do que foi este Colóquio, que fosse uma sessão mais informal, mais ligada ao espírito de criação do que a um contexto puramente académico, e portanto também a deslocámos precisamente para fora da Universidade. Eu e o Pedro, o Instituto de Literatura Comparada queríamos agradecer-lhes muito a disponibilidade que tiveram para estarem aqui nesta sessão de que todos terão gostado muito, foi realmente muito... Fiquei muito contente, mesmo, porque julgo que foi completamente ao encontro daquilo que

nós gostaríamos que tivesse sido este tipo de encerramento: pelas obras, pelos poetas, pela conversa... A propósito de questões académicas — nós estamos todos aqui num duplo papel, e o facto de sairmos da academia em termos de espaço também proporciona um bocadinho a dialéctica... Eu lembro-me que achei muito engraçado, porque o valter dizia que quando andava a tentar fazer a tese de mestrado sempre achou que nunca na vida escreveria narrativa, que era poeta, e curiosamente nem sequer é um poeta de verso muito longo, não é?, nem de poema muito longo, nem de poema narrativo, era poeta e quando andava a escrever a tese de mestrado andava tão angustiado que um dia sentou-se e escreveu o seu primeiro romance. E eu na altura pensei: que maravilha! (*Risos da assistência.*) Ainda bem que o valter não fez a tese de mestrado!... E portanto a vida académica também tem destas coisas... portanto a nossa ideia não foi ter só poetas, por isso lhe chamámos também uma "mesa de criadores", uma mesa de criação. Queria agradecer-lhes muito esta sessão que funciona um bocadinho como uma sessão de encerramento do Colóquio *Artes da Perversão*, e o discurso de encerramento será muito informal. O Pedro e eu queremos agradecer a todos a presença, a participação, a colaboração, os textos que daqui surgiram. A única coisa que queria dizer é que foi um grande prazer, correu tudo muito bem, estamos muito contentes, e agradeço muito a presença, o entusiasmo destes dois dias, e tudo aquilo em que vamos ficar a pensar. Como dizia o Luís há pouco, não chegámos a conclusão nenhuma (*risos da assistência*) — como é habitual nestas coisas —, mas sem dúvida que ficamos com mais questões em que pensar. <<

>>